

## NO COMPASSO DO BRINCAR: VINHETAS DA MUSICOTERAPIA E DIR/FLOORTIME

Cristiane Gazana  
[cristiane@crisgazana.com.br](mailto:cristiane@crisgazana.com.br)

Vitória de Moraes Góes  
[vitoriamgoes@gmail.com](mailto:vitoriamgoes@gmail.com)

Gabriel de Oliveira Linares Silva Pereira

Camila Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves  
[camila.goncalves@ipub.ufrj.br](mailto:camila.goncalves@ipub.ufrj.br)

A prática musicoterapêutica nos leva à tomada de decisão informada com base na literatura, no estilo do terapeuta e nas necessidades dos pacientes. Nesse sentido, intervenções com base no brincar têm mostrado sua eficácia para pessoas com deficiência (Carrington et al., 2024). Na musicoterapia, aliar o jogo musical a partir das preferências e estilos de cada criança tem sido uma metodologia tanto na avaliação quanto em planos terapêuticos com foco no protagonismo do cliente/paciente (Carpente, 2013; Gonçalves, 2019). Refletir sobre a prática e aliar inovações da literatura são temas necessários para o aprendizado e crescimento profissional. Nosso objetivo é ilustrar a abordagem técnica de uma clínica com vídeos/vinhetas de um caso atendido tanto na Musicoterapia quanto na Terapia Ocupacional. Esta apresentação é um relato de experiência. Raul (nome fictício) tem 10 anos e iniciou Musicoterapia e Terapia Ocupacional há 6 meses, com frequência semanal, em sessões de 45 minutos. Tem autismo nível 3 de suporte, TDAH, deficiência intelectual, somatodispraxia e outros desafios. Na escola, tem apoio de um tutor, usa um comunicador de alta tecnologia e é acompanhado por outras modalidades de atendimento. É muito visual e tem bom desempenho no seguimento de instruções. Porém, suas ações espontâneas são pouco desenvolvidas. Inicialmente, foi um desafio compreender as intenções de Raul, pois ele tem alerta flutuante e dificuldade em mostrar intenções no comunicador. A clínica tem como base a Integração Sensorial e o modelo DIR (Desenvolvimento, Diferenças Individuais e Relação), dispondo de uma variedade de recursos sonoro-musicais

(como instrumentos, microfones, mesas e botões sonoros etc.), além de recursos e equipamentos para desenvolvimento sensorio-motor e cognitivo, como trampolins, balanços, fitas, lanternas, bolas, cordas e outros. Há dois musicoterapeutas, uma musicoterapeuta e terapeuta ocupacional, e uma terapeuta ocupacional. A equipe de musicoterapia realiza supervisões semanais com uma quarta musicoterapeuta, dialogando sobre os casos, refletindo a partir da literatura, compartilhando atividades musicais e técnicas, e buscando possibilidades em conjunto. A família do paciente autorizou via documento assinado este relato de caso. A avaliação inicial de Raul constou da Escala Nordoff-Robbins de Comunicabilidade Musical (André, 2017) e dos Níveis de Desenvolvimento Funcionais Emocionais (Greenspan & Wieder, 2006). Os objetivos foram ampliar atenção e engajamento, incentivar ideação, planejamento e controle inibitório. Em outras palavras, presumimos competências de Raul, criando um ambiente no qual ele pudesse nos mostrar seus gostos e desejos. Inicialmente, as pistas visuais e verbais apoiavam o iniciar e parar na música. Gradativamente, a quantidade de pistas foi diminuindo. Foram incluídas atividades a partir do perfil sensorial de Raul, como brincadeiras com luzes, fitas e lanternas, movimentando-as no contorno melódico e andamento, além do uso de instrumentos musicais. A análise dos resultados partiu de uma reavaliação qualitativa e quantitativa, a partir da escala de Comunicabilidade Musical Nordoff-Robbins (André, 2017). Após 20 encontros, houve avanços qualitativos significativos. A sessão passou de um formato semiestruturado para mais fluido: com escolhas de Raul e outros elementos, música e movimento, interação musical instrumental e relaxamento. Assim, Raul tem mostrado mais controle do seu nível de alerta e está mais regulado após o atendimento, conseguindo permanecer maior tempo nas atividades (escolhidas por ele), partindo de 1 minuto para cerca de 4 minutos. Ele tem melhor percepção dos sons, podendo iniciar e parar ações em um contexto musical. Considerando os aspectos relacionados à escala NR, Raul apresentou: Em expressividade instrumental, avançou do nível 1 (Nenhuma resposta musicalmente comunicativa) para o nível 2 (Respostas evocadas (i) - fragmentadas, passageiras). Em expressividade vocal, Raul se manteve no nível 2 da escala em relação à avaliação inicial. Em movimentos corporais, ele também manteve o nível 2 na comparação entre início e término do período avaliado. Apesar de se manter no mesmo nível, a qualidade de suas respostas musicais mudou, apresentando

respostas mais consistentes em relação à forma e dinâmica, o que pode ser indício de maior atenção compartilhada (Carpente, 2013). Além disso, houve um ganho pragmático de comunicação: algumas vezes ele usa o comunicador para pedir “de novo” e comunicar desejos, e oferece instrumentos à musicoterapeuta para o fazer musical. Este caso demonstra que a música pode ser um material abstrato e de difícil processamento para neurodivergentes. Quando acomodada às suas necessidades e a partir das etapas do processo em musicoterapia, a música pode também ser uma via de expressão e de organização (Gonçalves, 2019). Isso ocorreu de maneira dinâmica, pelo brincar musical e relacional. Ao acomodar estímulos e validar iniciativas, a interação se organizou como num compasso, que dá forma e acolhe a expressão musical com suas tensões e resoluções, contratempos e fluidez. Também ilustra a necessidade de avaliações qualitativas e quantitativas do processo, uma vez em que avaliações validadas podem não ser sensíveis o suficiente para medir progressos sutis, mas pertinentes ao desenvolvimento do paciente. Finalmente, este processo considerou a tomada de decisão em equipe, incentivando a construção de um pensamento autônomo ao invés da ação condicionada ao seguimento de instrução.

**Palavras-chaves:** neurodesenvolvimento; DIR/Floortime; musicoterapia.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, A. M. B. **Tradução e validação da Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical.** 2017. 120 p. Dissertação (Mestrado em Música, Sonologia) - Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

GONÇALVES, C. S. G. A. A Musicoterapia sob a perspectiva desenvolvimentista (DIR/ Floortime): Reconhecer, Sintonizar e Comunicar. **Anais do XX Fórum de Musicoterapia e do III Seminário Paranaense de Pesquisa em Musicoterapia.** Curitiba, AMT-PR, 2019. Disponível em: <https://amtpr.com.br/2019-xx-forum-de-musicoterapia-iii-seminario-paranaense-de-pesquisa-em-musicoterapia/> . Acesso em: 13 ago. 2024.

GREENSPAN, S. I., WIEDER, S. **Engaging Autism: Using the Floortime Approach to Help Children Relate, Communicate and Think.** 448 p. New York: Hachette Books, 2006.

CARRINGTON, Lizz; HALE, Leigh; FREEMAN, Claire; SMITH, Donna; PERRY, Meredith. **The effectiveness of play as an intervention using International Classification of Functioning outcome measures for children with disabilities** – a systematic review and meta-synthesis, Disability and Rehabilitation. V. 46, n. 17, p. 3827-3848, 2024. DOI: 10.1080/09638288.2023.2259305. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09638288.2023.2259305> . Acesso em: 29 out. 2024.

CARPENTE, J. A. **IMCAP-ND: Manual de Aplicação**. Tradução de Gustavo Schulz Gattino. North Baldwin: Regina Publishers, 2013.